

CHARLES E. HINKSON



Shenandoah,

o Pirata Involuntário

Uma saga dos mares
que só podia acontecer
antes da era do rádio
e do telégrafo

POR VOLTA do meio-dia, o casco de teca negra do cruzador confederado *Shenandoah* irrompeu de um manto de nevoeiro do Mar de Bering para o brilho do Sol. À frente cintilava um campo de gelo flutuante. Aves marinhas circulavam no alto com gritos plangentes. E ao longe panejavam as velas de uma prêsa procurada: cinco navios baleeiros. O Capitão James I. Waddell, homem garboso e muito alto, com um enorme bigode castanho, esfregou as mãos satisfeito.

—Em postos de combate!—berrou.



Corsário empenhado na destruição dos mercantes ianques, o *Shenandoah* era um navio famoso e temido. Mas havia algo de terrivelmente errado na sua missão, naquele dia de sol. Pois a data era 22 de junho de 1865, e, embora Waddell não tivesse meio de o saber, a guerra acabara havia dois meses.

Na ignorância absoluta dêsse fato, Waddell deu ordens para que o cruzador rebelde circundasse o campo de gelo em direção à sua despreocupada prêsa. A distância, pela amurada de boreste, uma baleeira cortava velozmente a água atrás de uma baleia arpoada; seguindo o pequeno barco vinha, mais lento, seu navio-tênder. Mais além, colunas preguiçosas de fumaça saíam de ou-

tros barcos, ocupados em extrair o óleo da gordura. À medida que penetrava nesse cenário industrioso, o *Shenandoah* verificou que nem todos os baleeiros eram nortistas (ianques)—dois dêles ostentavam pavilhões estrangeiros. Waddell franziu o sobrecenho e içou rapidamente, êle mesmo, o pavilhão russo, para não despertar qualquer suspeita. (O variegado sortimento de “armas de pano” de sua bolsa de bandeiras já havia provado seu valor como disfarces eficazes.)

Aproando para os baleeiros nortistas, Waddell conservou seus canhões escondidos a fim de não alarmá-los, e despachou pela lancha do navio uma guarnição de abordagem ao navio mais próximo—o *Milo*, de

New Bedford. O Capitão Richard Baker, de 50 anos, veterano de muitas viagens, ficou estupefato quando um jovem oficial, envergando o uniforme cinza da Marinha dos Estados Confederados, subiu a bordo e proclamou formalmente seu navio prêsa de guerra. Disse que queria falar com Waddell. Levado para o *Shenandoah*, perfilou-se na cobertura do cruzador e, hirto de cólera, gritou:

—Mas, Capitão... a guerra terminou! Os jornais de São Francisco noticiaram a rendição de Lee.

Waddell recusou-se absolutamente a crer no que ouvia. Como poderia êle acreditar na palavra de um inimigo desejoso de salvar seu próprio navio? Friamente, disse a Baker que o *Milo* poderia ser resgatado por 40 000 dólares, com a condição de que transportasse para o pôrto mais próximo os prisioneiros já feitos pelo corsário. Baker não teve outro remédio senão concordar.

Dentro de algumas horas, o *Shenandoah* havia apresado os outros dois baleeiros ianques—o *Sophia Thornton* e o *Jireh Swift*. Suas tripulações foram também transferidas para bordo do *Milo*, após o que os dois barcos foram incendiados. E enquanto o *Milo* demandava terra com sua carga de infelizes marinheiros da Nova Inglaterra, o *Shenandoah* saía em busca de novas prêsas. Waddell não era homem para abandonar uma causa por motivo de um simples boato sem confirmação—ou um ardil do inimigo.

Waddell, então com 40 anos, havia cursado a Academia Naval dos Estados Unidos, onde mais tarde ensinara Navegação. Voltando em 1862 do Extremo Oriente, onde estivera em serviço, demitira-se da Marinha dos Estados Unidos e, ato contínuo, aceitara pôsto na Armada dos Estados Confederados.

Em outubro de 1864, na Ilha da Madeira, assumiu o comando de um veloz navio mercante de três masts e 67 metros de comprimento—o *Sea King*—recém-adquirido dos ingleses. Armou o barco com artilharia leve e rebatizou-o com o nome de *Shenandoah*. De lá velejou para o Oriente, na direção da Austrália; em fevereiro de 1865, contando com uma oficialidade de sulistas leais e uma tripulação heterogênea de várias nacionalidades, rumou para o norte, ao encontro das frotas de baleeiros da Nova Inglaterra que operavam no Pacífico. O óleo de baleia tinha grande importância econômica para os Estados do Norte, por sua utilização como lubrificante e na iluminação, e o Capitão Waddell recebera ordens para cortar-lhes o fluxo dêsse suprimento. A 22 de junho, o *Shenandoah* já tinha a seu crédito mais de uma dúzia de baleeiros.

Já na manhã seguinte à do aturdido protesto do Capitão Baker, mais uma vez se fêz ouvir o inquietante “boato”: Às oito horas da manhã de 23 de junho, próximo à Ilha de São Lourenço, no Alasca, o *Shenandoah* abordava o *Susan Abigail*,

de São Francisco, que se dedicava à troca de contas de vidro, bugiganças e uísque ordinário por peles com esquimós. O piloto ianque olhou incrédulo aquêles uniformes cinzentos.

—Isso não pode ser, Capitão—disse êle a Waddell.—A guerra terminou!

Pela primeira vez a dúvida se apossou de Waddell.

—Pode provar o que está dizendo?—perguntou.

—Como não—balbuciou o mercador.—Tenho comigo jornais publicados em abril que transcrevem os entendimentos entre Grant e Lee em Appomattox.

Waddell folheou vários jornais. Segundo êles, Lee se rendera, a fome havia motivado distúrbios no Sul e Jefferson Davis (Presidente da Confederação rebelde) fugira. Mas, por outro lado, Lincoln fôra assassinado, a resistência continuava no Oeste, e de uma nova capital—Danville, na Virgínia—Davis lançara uma proclamação em que concitava os sulistas à continuação da guerra com renovado vigor. Waddell pegou-se a êsse ponto. Tinham ocorrido reveses, sem dúvida, mas houvera derrota? Isso era inaudito. E, sem mais delongas, o *Susan Abigail* foi destruído e o *Shenandoah* penetrou no Estreito de Bering.

Em 25 de junho o corsário apressou um baleeiro solitário; em 26 apossou-se de outros seis, destruindo cinco e exigindo resgate do sexto para que navegasse rumo ao sul, levando os infelizes prisioneiros.

Finalmente, em 28, o cruzador conseguiu seu maior sucesso—11 navios. E, dentre todos êsses 18 últimos barcos, nenhum possuía qualquer documento oficial sôbre o fim da guerra!

O apresamento em massa de 28 de junho foi uma conseqüência do acidente sofrido pelo baleeiro nordesta *Brunswick*, que, pelas três da manhã, tivera seu casco perfurado por um bloco de gelo flutuante. Como a água alagasse os porões mais rapidamente do que as bombas podiam esgotá-la, seu comandante lançara o sinal de socorro; e, sob a brilhante claridade do crepúsculo ártico, nove outros navios acorreram antes que a brisa cessasse.

Pouco depois das 13 horas, já tendo incendiado pela manhã outro baleeiro—o *Waverly*—aproximou-se a todo vapor o corsário rebelde, com o pavilhão dos Estados Unidos a flutuar em seu mastro. Rápida e discretamente apossou-se do *James Maury*, resgatado para transportar prisioneiros. Só então se deu a conhecer. Arriando a bandeira da União, o *Shenandoah* içou o pavilhão confederado e disparou um tiro de salva na direção do aglomerado de navios. Desarmados, retidos pela calma e, assim, impossibilitados de bater em retirada, todos, à exceção de um único, apressaram-se a arriar suas bandeiras. O recalcitrante era o *Favorite*, sob o comando do velho Capitão Thomas Young, de 70 anos.

Young, conhecido tanto por seu

sangue-frio como por sua bravura, armou a tripulação com mosquetes, e no canhão de arpoar colocou uma bomba. Quando um destacamento de abordagem, armado, se aproximou do *Favorite* para informá-lo de que o seu barco era prêsã de guerra, o valente nortista bradou-lhes:

—Maldito seja eu se me render! E agora afastem-se ou abro fogo sôbre vocês.

O próprio *Shenandoah* veio postar-se ao lado do pequeno baleeiro, com artilharia guarnecida.

—Se não arriarem a bandeira irão pelos ares—veio a ordem.

Em resposta, Young brandiu um velho e enferrujado cutelo.

Mas a essa altura a tripulação do *Favorite* tinha escapado, e o último homem havia tirado prudentemente a escorva do canhão de arpoar. Quando a lancha do *Shenandoah* voltou à abordagem, Young ainda bradava seus desafios, agitando acima da cabeça uma pequena bandeira da União e dando vivas entusiásticos. Quando a guarnição abordou o barco, Young agarrou pelo cano um mosquete e dispôs-se a atacá-la. Foi rapidamente subjugado, amarrado e lançado à chalupa. De mil ou mais marinheiros capturados pelo corsário, o Capitão Thomas Young foi o único a lutar. Como tributo a sua bravura, Waddell deixou-o com sentinela à vista.

Tendo praticamente desmantelado a frota baleeira dos nortistas nas latitudes setentrionais, o *Shenandoah* tomou o rumo do sul. A idéia

absurda de que a guerra fôra perdida estava quase esquecida. Com efeito, o comandante confederado estava deixando amadurecer uma nova e audaciosa idéia. Durante todo o mês de julho traçou um plano tão arrojado que não se aventurou a falar sôbre êle nem mesmo a seus oficiais. O que Waddell tinha em mente era nada menos que a captura de São Francisco da Califórnia, que conservaria para resgate!

Isso se lhe afigurava possível. Waddell conhecia o pôrto e as marés, pois lá servira antes da guerra, na Marinha dos Estados Unidos. As defesas da cidade sempre foram mínimas: um pequeno couraçado guardava o pôrto. Sob a proteção da noite, o *Shenandoah* poderia abordar o couraçado e saturar-lhe o convés de fuzileiros confederados. E, quando amanhecesse, os ricos mercadores de São Francisco seriam tirados de suas camas pelas baterias dos dois navios. O ouro da cidade iria dar nôvo alento à Confederação. Tudo o que precisava, antes de pôr seu plano em execução, era capturar um navio recém-saído de São Francisco para certificar-se das condições das defesas do pôrto.

Em 2 de agôsto o *Shenandoah* vogava preguiçosamente ao sôpro de uma brisa leve, a oeste da ponta da Baixa Califórnia, quando avistou uma vela e saiu-lhe no encalço. Quatro horas mais tarde, um tiro de um dos canhões do corsário obrigou o mercante a chegar-se. Verificou-se tratar-se do *Barracouta*, barco in-

glês que deixara São Francisco havia 13 dias. Esse navio trouxe terríveis novas quando seu comandante, carregando um maço de jornal, subiu a bordo do cruzador para uma apressada conferência.

Meia hora mais tarde, o Capitão Waddell reuniu formalmente seus oficiais no tombadilho. Estava pálido, abatido e envelhecido.

—Meus senhores—disse êle— a Guerra entre os Estados acabou . . . acabou *já* em 24 de abril!

Os oficiais olhavam incrédulos enquanto êle prosseguia:

—E desde essa data já destruimos 21 navios dos Estados Unidos. Os nortistas declaram que êste barco não é um navio em beligerância, mas um navio pirata e caça lícita. Neste momento todos os navios do mundo estão dando caça ao *Shenandoah*. Se formos capturados, seremos todos enforcados.

Em poucos minutos o soberbo navio fôra reduzido de intrépido caçador a tímida prêsa. A notícia espalhou-se como um vento gélido do castelo de proa aos porões. Tirando os oficiais sulistas, a maioria dos 132 tripulantes era constituída de australianos, espanhóis, havaianos, ingleses, suecos . . . até de homens recrutados entre os prisioneiros ianques. Haviam-se alistado atraídos pelo excelente sôlido e pela participação nos apresamentos—coisa que a presente classificação como piratas tornava ainda mais perigosa e comprometedora.

Para decidir como e onde render-

se, Waddell convocou um conselho na praça-d'armas. Alguns dos oficiais opinavam pelo Havaí; outros preferiam a Austrália; uns poucos, ansiosos por reverem a família, preferiam arriscar a sorte num pôrto dos Estados Unidos. A reunião terminou com palavras ásperas, deixando a responsabilidade totalmente sôbre os ombros do comandante. Só, no seu camarote, êle ficou andando para cá e para lá. Examinou todos os livros de Direito de que dispunha, embora sabendo que êles não continham qualquer caso que servisse de precedente para a sua incrível situação e, portanto, não o ajudariam. Waddell sentou-se e ficou longo tempo a pensar. Por fim, tomou uma decisão: rumar para a Inglaterra. Os ingleses tinham encarado com simpatia a causa dos sulistas. Dêles, seus homens poderiam ao menos esperar uma oportunidade de serem exculpados da acusação de pirataria.

Restava apenas um problema: chegar até lá. A 16 de setembro o cruzador contornou o Cabo Horn e atingiu o Atlântico, navegando a 15 nós com as velas de joanete enfunadas e sob um céu ameaçador. Logo depois teve de navegar de bolina cochada para enfrentar uma ululante tempestade. Perigosamente escasso de carvão, tanto para combustível como para lastro, o grande navio era jogado violentamente pelas ondas e ventos, e mais uma vez sua tripulação pensou que estava perdida. Mais tarde, o barco tateou durante dias

através de um nevoeiro cinzento e tempo instável, enquanto a tensão a bordo aumentava e as discussões se tornavam mais freqüentes.

Quando, finalmente, o nevoeiro se dissipou, a Cidade do Cabo, na África, estava apenas a 3 000 milhas de distância, e alguns oficiais solicitavam a Waddell que arribasse àquele pôrto. Mais pedidos se seguiram. Por fim Waddell abordou, na coberta de proa, um oficial subalterno dos mais turbulentos:

—Fique o senhor sabendo que continuarei capitão ou morrerei nesta coberta!—gritou Waddell.

Isso pôs um fim à questão. A todo o pano, o *Shenandoah* lançou-se para a Inglaterra, 6 000 milhas ao norte, através de um oceano que poderia estar inçado de mortíferos navios de guerra. Cada brado de “navio à vista!” fazia logo subir ao cordame homens de fisionomias ansiosas, munidos de óculos-de-alcance. Cada vela era um inimigo em potencial. Mas de todos os navios avistados o rápido corsário conseguiu escapar.

Finalmente, no início de novembro, gaivotas vieram pousar no cordame, e no dia 6 o cruzador entrou no Canal de São Jorge e recebeu a bordo um práctico para subir o Rio Mersey até Liverpool. Vendo o pavilhão confederado flutuar na carangueja, o piloto disse excitadamente a Waddell que a guerra tinha acabado. Os oficiais confederados esforçaram-se por apresentar a adequada aparência de espanto.

Às oito horas da manhã seguinte,

as âncoras do *Shenandoah* escorregaram rumorosamente pelo costado e foram mergulhar no fundo lodoso. Um oficial do *Donegal*, navio-delinha de Sua Majestade Britânica, subiu a bordo para receber o documento de rendição preparado por Waddell, que entregava seu navio às autoridades britânicas e pedia, para seus oficiais e marinheiros, uma decisão final favorável.

Em uniforme de gala, o Capitão Waddell dirigiu-se aos oficiais e marinheiros de seu navio. Lembrou-lhes que, em 13 meses de mar, o *Shenandoah* conduzira o pavilhão confederado ao redor do globo, percorrendo 58 000 milhas. Efetuara 38 capturas, destruindo 32 navios e embargando seis, mas não matara um só nortista e nem sofrera baixa. E a 26 de junho de 1865 dera seu último tiro “em defesa do Sul”.

—Reivindico para seus oficiais e marinheiros um triunfo sôbre seus inimigos e contra todos os obstáculos . . . e para mim reivindico haver cumprido meu dever—disse.

Um grito de guerra ensurdecedor rompeu a quietude do pôrto.

Em 11 de novembro o *Shenandoah* foi entregue ao cônsul dos Estados Unidos em Liverpool. Tendo seus 25 “atos de pirataria” perdoados pelo Govêrno britânico, os oficiais e marinheiros recuperaram sua condição de homens livres. Anistia-dos pelos Estados Unidos, os sulistas volveram a seus lares. Embora um pouco tarde, o corsário confederado chegara ao fim da guerra.